

## **Reivindicação dos direitos humanos e oposição ao racismo no conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães**

Maria Aparecida de Barros<sup>1</sup>

**Resumo:** Tecido a partir das ocorrências da infância, o fio narrativo do conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães, verte-se da memória. A voz/escrita questiona a história oficial a respeito da escravatura e da condição do sujeito negro, numa sociedade movida por manifestações racistas que em muitas situações se apresentam de forma sutil e dissimulada, por isso, desconsideradas como práticas preconceituosas. O racismo fere, sobremaneira, a população negra, causa-lhe transtornos, dificulta-lhe a integração social. Centrando nessa proposição, o presente artigo objetiva analisar, a partir das lembranças elaboradas pela protagonista - uma menina na fase escolar do ensino fundamental que pelas pistas textuais parece cursar a terceira série, possivelmente, conta com a idade de 10 anos - a reflexão autoral sobre a valorização cultural, a ressignificação identitária dos sujeitos descendentes dos povos africanos. Atentar-se-á à construção da palavra, pelos mecanismos da memória/voz/escrita, instrumento utilizado pela escritora afrodescendente para exteriorizar, artisticamente, o entendimento do que é ser negro numa sociedade excludente e discriminatória. Assim, ao examinar a narrativa, pretende-se compreender a reelaboração da identidade individual e coletiva, visto que a reinvenção da diferença outorga-se na escrita literária de uma mulher negra, definida pelo caráter revolucionário e político, portanto. Sob essas orientações, aspira-se que as formulações discutidas alcancem professores, pesquisadores, alunos, comunidade, e que o intercâmbio favoreça a discussão, o enfrentamento a qualquer forma de negação do outro, no reconhecimento e valorização de diversas culturas constituintes da sociedade brasileira.

**Palavras-chaves:** Geni Guimarães; Racismo; Identidade individual e coletiva.

<sup>1</sup> UNESP-ASSIS; Pós-doutoranda em Letras; mapdebarros@gmail.com.

## **Introdução**

Professora, escritora, poeta e ficcionista ascendente dos povos de África, Geni Mariano Guimarães, nasceu em uma das áreas rurais do interior paulista, fazenda Vilas Boas, São Manuel, em 8 de setembro de 1947. Aos cinco anos, seus pais deslocaram-se para outra fazenda, localizada no município Barra Bonita e, posteriormente, ela se transferiu a este município, lugar em vive até hoje. Recantos promissores para que a menina exercitasse o imaginário, na interação com a natureza e os animais que se avizinhavam ao seu reino encantado, bem como tornar público as máscaras do racismo que persistem em preterir e desqualificar os de origem africana; cenários e episódios recriados em seus textos e poesias que, tempos depois, foram publicados nos jornais da região. “Bem antes de frequentar a ensino oficial, eu “lia” poesias e histórias em tudo quanto eram livros, revistas, jornais que encontrava. Quando entrei para a escola, o professor me contou que eu era poeta e, vendo que era bom, assumi por inteiro o privilégio do dom” (GUIMARÃES, 1998, p. 94). Proeza alargada na trajetória existencial, juntamente com a amplitude acerca do racismo e do preconceito, mecanismos mantenedores da histórica injustiça social, que continua a vitimar as comunidades afrodescendentes pelos tempos afora.

Denúncias que se fazem notórias em seus depoimentos e suas produções poéticas: Terceiro filho, Editora Jalovi, 1979, Da flor o afeto, da pedra o protesto, Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981; Balé das emoções, Barra Bonita: Ed. da Autora, 1993; nas obras de contos: Leite do peito, Fundação Nestlé de Cultura, 1988; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001; A cor da ternura, Editora FTD, 1989; e nas publicações dedicadas ao público infantil: A dona das folhas, Editora Santuário, 1995; O rádio de Gabriel, Editora Santuário, 1995; Aquilo que a mãe não quer, Barra Bonita: Ed. da Autora, 1998.

Técnica em que irriga a superfície textual, com os referenciais da cultura de origem africana, veiculada pela oralidade, difundida pelos saberes da ancestralidade. Do trabalho literário brota múltiplos significados, basilares para expressar o modo de ser, de se avaliar a vida, de se organizar o pensamento, nas estratégias para forjar a própria identidade, em espaços margeados pela violência e exclusão. Exterioriza que as pessoas, independente de suas etnias e credos, devem respeitar as diferenças, pois cada indivíduo porta subjetividades que não podem ser julgadas como superiores ou inferiores. São por estas manifestações que Geni Guimarães desenha, por intermédio das produções literárias, alternativas outras para que sociedade brasileira encare o problema do racismo, a fim de organizar formas de combatê-lo e superá-lo.

### **Raízes africanas nas letras de Geni Guimarães**

A africanidade, patenteada na composição de Geni Guimarães, reporta-se ao modo peculiar dos descendentes africanos nas reivindicações pela individualidade, singularidade, dignidade, pautado nas raízes culturais dos antepassados. Notadamente, Silva (2003) considera relevante que as lutas, os saberes, dilatados dos grupos étnicos africanos, devam ser valorizadas como distintivo da nacionalidade brasileira, pois, ao se “compreender e respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar; discutir as relações étnicas, no Brasil, e analisar a perversidade da assim designada democracia racial; refazer concepções relativas à população negra, forjadas com base em preconceitos” (SILVA, 2003, p. 26), há possibilidades de se analisar atitudes e reprimir estereótipos, conservados pela ideologia do branqueamento e pelo mito da democracia racial, estigmas reforçadores do preconceito, porque golpeiam a dignidade dos afrodescendentes.

Dessa forma, para se conceber o sistema no qual se arquiteta o racismo, torna-se primordial considerar e analisar outras realidades, principalmente as de culturas e vozes escamoteadas pelo sistema capitalista, a fim de se contestar todas e quaisquer formas de diminuição do sujeito individual e coletivo. E dentre as manifestações, constela a escrita literária que ao aflorar-se do ato imaginativo, traz à tona questionamentos sobre o mundo e o próprio indivíduo, já que

Ao sobrevalorizar o elemento cultural, a própria escrita, enquanto criação, acaba, invariavelmente, por assumir uma função crítica. Isto é, o autor africano dando-se conta da desagregação da civilização real de que faz parte, investe na reivindicação de outra ordem cultural que comporta elementos e valores de estabilidade e dignidade, numa atitude interventora e redentora (NOA, 2015, p.18).

As palavras compostas no tear artístico da escritora afro-brasileira caracterizam-se como instrumento de aprendizagens e possibilidades, porque a escrita imprime apreciações sobre outras maneiras de se atribuir significado aos acontecimentos e a própria existência. Adorna-se pela atitude de rebeldia e inconformismo, ao provocar reflexões e contestar condutas homogeneizadas, nocivas à integridade física e psicológica dos indivíduos.

Insubmissão na qual a autora celebra uma parceria com os leitores, firmada na confiança e apoio de que se declarará contrária e combaterá atitudes preconceituosas, imputadas aos negros e a todas as pessoas afetadas pela intolerância. Imersa nessas preocupações, transgredindo conceitos padronizados e requerendo os direitos sonegados, o produto ficcional destaca-se, inclusive, pela dimensão política. “Daí que, metafórica ou

metonimicamente, o texto literário vai sempre emergir como representação ou recriação de dimensões determinadas da totalidade” (NOA, 2015, p. 54).

A narrativa de Geni Guimarães configura-se pelo traçado biográfico, a escrita reconecta-se à memória coletiva, projeta a subjetividade da comunidade africana e, da matéria literária, deflagra-se a trama protagonizada por esses grupos periféricos. As vivências, desdobradas em significados, denotam sentidos de luta e resistência, convertidas em estratégias para afirmação identitária, ressignificação do sentimento de pertencimento e direito à cidadania.

Ao falar de si própria, a narrativa de Geni Guimarães abraça a coletividade, no frutífero trabalho de reconstituição das africanidades e restauração da memória ancestral. E, para formatação das ideias poéticas, o conto foi o gênero eleito, “Por apresentar uma estrutura breve, por ser uma fala suspensa, o conto vinca, de forma acentuada, a sua condição de fragmento e sobretudo a sua relação com a totalidade. Isto é, é um retalho que se institui como utopia do todo, do mundo e das linguagens que nos rodeiam” (NOA, 2015, p. 143).

Longe da escrita, geralmente ministrado por um ancião, que tinha por incumbência de orientar, de transmitir os valores culturais, a nascente do conto encontra-se nas narrativas orais. Uma das premissas desse gênero é a concentração no enredo sintético, focado em um único conflito, com a finalidade de abalar as certezas do leitor. Este deve alargar a percepção a todos os traços demarcativos que perfazem a narrativa, pois são elementares para composição dos significados, já que

o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, de limite físico,(...) o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 2006, p.151-2).

Criativamente, Geni Guimarães relata, no conto “Metamorfose”, cenas da infância de uma menina, o tempo narrativo caracteriza-se pelo aspecto psicológico, uma vez que a organização das ideias e a sensibilidade projetam-se pelas impressões da protagonista, em sua experiência de escolarização, na primeira etapa do ensino fundamental, momento em que se depara com o racismo. O fluxo da consciência se fixa nas memórias passadas tanto no âmbito familiar como nos espaços do estabelecimento de ensino, ambos localizados na zona rural.

Nas considerações de Duarte (2008), a literatura afro-brasileira particulariza-se pela conjugação dos seguintes fatores: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público, mecanismos que se valem os escritores para reconstituir o passado e por em questão as distorções históricas, que não conferem visibilidade e/ou inferiorizam as lutas dos povos negros. E, a respeito do ponto de vista argumenta tratar-se

[d]a adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, sobretudo do branco racista, como superação de modelos europeus e de toda a assimilação cultural imposta como única via de expressão. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, tal perspectiva configura-se enquanto discurso da diferença e atua como elo importante dessa cadeia discursiva que irá configurar a afrodescendência na literatura brasileira (DUARTE, 2008, p. 17).

Recursos apropriados por Geni Guimarães, materializados no produto literário, pois à personagem principal de “Metamorfose” - conto integrante da obra *Leite do Peito*, que abriga doze narrativas - a autora cede-lhe a voz. E é sob a perspectiva da criança negra, não nomeada, que a narrativa se compõe, das páginas saltam os relatos das violências sofridas, das dores sentidas, bem como a atitude da menina frente a essas experiências, pois, o “lugar de onde se fala é o lugar dos oprimidos” (DUARTE, 2008, p. 15). Assim, a protagonista, animada pelo artifício artístico, dá a conhecer ao leitor a conjuntura desfavorável em que encontrava inserida, constituindo-se em empecilho à sua transposição, dessa margem social.

O tempo narrativo faz registro ao mês de maio, a história se inicia no ambiente escolar, destacando o primeiro dia de aula e a apreensão da narradora mirim, porque portava na bolsa um poema, por ela produzida, para homenagear a Princesa Isabel, com os seguintes versos: “Foi boa para os escravos,/E parecia um mel,/Acho que é irmã de Deus,/Viva a Princesa Isabel” (GUIMARÃES, 2001, p. 57) e o medo em mostrá-lo à professora, Dona Cacilda.

Inibição vencida no dia posterior, no momento em que ela passou por sua carteira, a menina lhe entregou a composição, porém, o pavor foi-lhe aumentando ao observar-lhe a atitude “Pegou a caneta, riscou qualquer coisa por sobre os meus versos e mandou o Pedro chamar o diretor” (GUIMARÃES, 2001, p. 57), concorrendo a aumentar o desconforto e a tensão da menina: “Imediatamente me deu vontade de urinar e vomitar. Será que havia feito alguma coisa errada? E se houvesse feito, iria para os grãos de milho nos joelhos?” (GUIMARÃES, 2001, p. 57). No entanto, as autoridades escolares, diretor e professora,

legitimaram-lhe a habilidade poética, mas nada-lhe disseram, somente ao término da aula, na saída, foi que o diretor a parabenizou.

No entanto, a desenvoltura poética da personagem principal não foi levada em consideração por dona Cacilda, para uma atividade de declamação no evento comemorativo a Princesa Isabel. “Levantei a minha mão, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas” (GUIMARÃES, 2001, p. 59). Resoluta, a aluna dirigiu-se à docente: “Dona Cacilda, eu tenho aquela que eu fiz outro dia, que eu mostrei pra senhora e a senhora chamou o diretor e ele falou parabéns e eu deixo ela mais grande...” (GUIMARÃES, 2001, p. 59). No dia seguinte, 13 de maio, a aula se inicia com a seguinte explanação docente e o conseqüente abalo à dignidade da estudante de ascendência africana:

— Hoje, comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar e, pelos serviços prestados, nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados, às vezes, até a morte. (...)

Vi que a narrativa da professora, não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles escravos da Vó Rosária eram bons, simples, humanos, religiosos. Esses apresentados então eram bobos, covardes, imbecis. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhando com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa dali representando uma raça digna de compaixão, desprezo. Quis sumir, evaporar, não pude (GUIMARÃES, 2001, p. 62-63).

Então, os versos iniciais, por ela produzidos, inspirados nas informações da Vó Rosária - fortemente influenciada pelo mito da democracia racial que propagava a relação harmoniosa entre os negros e os brancos, apesar do processo escravagista - e o discurso docente - exibindo o negro como subordinado, despossuído de humanidade, inerte à opressão - ambas perspectivas, reprodutoras da visão da classe dominante, operam o conflito interno na protagonista. Exposta a essa situação de humilhação, ela se depara com o preconceito racial, a invisibilidade, a submissão dos povos africanos, referenciados na História e reforçados, na conduta austera, exercida no ambiente escolar, pelas autoridades pedagógicas.

Tais episódios injetam na criança o drama da rejeição, atinge-lhe, sobremaneira, a autoestima, e ao sentir-se preterida, abala-lhe a estrutura identitária. “A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo” (LIMA, 2005, p. 101). Dessa maneira, os princípios de padronização desenvolvidos pela escola afirmam à aluna negra que, pertencendo ao povo explorado e subalterno, estará aprisionada ao derrotismo, fenômeno inibidor de promoção da igualdade.

No recreio, a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-se para trocar meu lanche de abobrinha abafada pelo dela, de presunto e mussarela. Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto. Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida? Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era silêncio todo meu, dor sem parceria? (GUIMARÃES, 2001, p. 63)

A experiência vivida pela estudante, a certificação de duas proposições incompatíveis: o conformismo dos subalternizados versus o privilégio dos subordinadores, ocasionou-lhe sentimentos de desconforto e angústia e a conseqüente desordem em seu quadro psicológico, porque as novas informações lhe corroíam os pensamentos, faziam ruir o sistema de suas crenças, inclusive as de que os povos negros eram respeitados pelos os brancos. A sensação de desenraizamento minou a confiança em si mesma:

A ideia me surgiu quando a minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que ela terminou a arrumação, voltou para casa. Eu juntei o pó restante e, com ele, esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei, e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele. (...) Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando (GUIMARÃES, 2001, p. 66).

A violência simbólica reafirmada pela autoridade pedagógica em relação à estereotipação da população negra, levou a aluna a hostilizar-se, no desejo de negação de si própria, na distorção de sua imagem, e a de seu grupo de pertencimento, por julgar-se, igualmente, inferior. Este sentimento engendra-se na malha social, visto que à descendente africana, bem como ao povo brasileiro, foi negado o conhecimento sobre a permanente história de luta dos povos africanos, pela liberdade e o direito à cidadania. A interdição a esta visibilidade foi e continua sendo o ponto central para manutenção da discriminação racial, responsável por agudizar o estágio de degeneração da identidade da personagem principal, bem como os de incontáveis meninos, meninas...

Mas, tanto a autora quanto a personagem central, com as articulações estabelecidas, rompeu o silêncio, “Acredito que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças” (GUIMARÃES, 1998, p. 94). A elevação da consciência autoral aprofunda-se no evento literário em reprovação ao extermínio psicológico do sujeito africano, atestável na destruição de seu legado ancestral e

no apagamento de sua voz. Pela experiência social e pelas práticas de leitura e escrita, Geni Guimarães compreende a sua própria vivência e a de seus antepassados e, deliberadamente, a escrita assume contornos reivindicatórios para políticas de inclusão e de coesão social.

Agora, muito extraordinariamente, os povos menores - outrora colonizados, escravizados, suprimidos - não precisam mais ficar calados ou se deixar explicar apenas por europeus e americanos mais velhos do sexo masculino. Houve uma revolução na consciência das mulheres, das minorias e dos marginais, tão poderosa a ponto de afetar o pensamento dominante em todo o mundo (SAID, 2007, p. 461- 462).

E, por intermédio do recurso literário, Geni Guimarães denuncia ideias e comportamentos racistas, pois continuam a ferir, a mutilar e a ceifar os grupos sociais descendentes dos povos de África. Contrastando-se com o saber eurocêntrico, o produto artístico engenha outras formas de representação do negro, já que pelo arranjo na linguagem, o significante e significado edificam o negro como sujeito, analisando as circunstâncias geradas pelo preconceito e exclusão social, cria estratégias para subvertê-las.

Por essa razão, a disposição de Geni Guimarães em escrever e problematizar sobre a opressão e depreciação da identidade africana formata-lhe a resistência, pois a criança não foi rendida pelos padrões impostos. Por isso, “a constituição de uma identidade social é um ato de poder (...) pois se uma identidade consegue se afirmar é por meio da repressão daquilo que a ameaça” (HALL, 2000, p. 110). Por esta tomada de consciência, a escritora aponta outras vias para restauração da condição humana, porque

Entre outras funções, a memória funciona como ordenação, reconstituição e restituição. Mas sobretudo ela garante a dotação de sentido para o que, aparentemente, não tem ou perdeu sentido. (...) E a escrita literária é seguramente um dos caminhos privilegiados se não na sua recuperação, mas pelo menos na sua visualização e problematização (NOA, 2015, p. 85).

Nestes termos, a memória, na arte literária de Geni Guimarães, questiona a herança do passado histórico, proveniente da sociedade colonial, no sentido de mobilizar e criar alternativas para superação do racismo, pois o intercâmbio, o diálogo, que se efetua por meio da escrita e leitura, proporciona ao sujeito que lê ampliar, ressignificar as experiências, repensar, alterar (pre)conceitos, a fim de conferir outros significados às existências. Pois, “o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir da compreensão do papel do escritor como porta-voz de

uma determinada coletividade” (DUARTE, 2008, p. 19). As imagens retratadas no sociodrama, que ilustram esse conto, determinam-se por profundas tensões.

E, na condição de porta-voz, há, na escrita de Geni Guimarães, questionamento e ruptura com os pressupostos históricos hegemônicos, no veemente desejo da realização da “Metamorfose”, ou seja, de que os sujeitos das etnias africanas tenham o direito de protagonizar e narrar suas próprias histórias, na luta incansável contra as ideias conservadoras e reacionárias, mantenedores da injustiça e da desigualdade social.

A memória/a literatura é subterfúgio para se resgatar a alteridade, comungar vivências, instrumento que pode impulsionar a transformação do indivíduo, de sua própria história e, de modo consequente, visar o bem estar coletivo, no processo de legitimação de sua identidade cultural, “Só ficaram as chagas da alma esperando (GUIMARÃES, 2001, p. 66)”. Logo, a mudança de paradigma restitui a humanidade do sujeito negro, porque no espaço/tempo simbólico, a autora confere novos sentidos aos signos, visto que nas inter-relações experimentadas pela discente negra há contestação aos procedimentos hegemônicos que danificaram lhe a autoestima e, no quadro mais abrangente, atinge a coletividade dos grupos sociais afrodescendentes. Ao particularizar os conflitos e as contradições, a escrita constitui-se em um mecanismo para o enfrentamento ao racismo e para o fortalecimento da afirmação identitária.

### **Considerações finais**

No conto “Metamorfose” evidencia-se o engajamento político da escritora Geni Guimarães na ostensiva manifestação contra as formas de intolerância cometidas contra as comunidades negras, por indivíduos que depreciam a diversidade cultural, divergente da eurocêntrica, com práticas cotidianas que infringem as leis e violam os direitos humanos. Então, a arte literária dessa mulher negra representa a promoção da identidade africana, bem como alternativas para a edificação de uma sociedade igualitária, na valorização das culturas que a compõem.

Nesse sentido, existem diversas leis, dentre elas a de número 10.639/2003, posteriormente alterada pela a de número 11.645/2008, dirigido ao sistema educacional, por considerar os espaços pedagógicos, com o rol das ciências que os caracterizam, mecanismo imprescindível à reflexão, ao debate acerca dos problemas emergentes da realidade atual, pautando as questões étnico-raciais. Ao se contextualizar, em diversos ângulos culturais, a composição e manutenção do racismo, do preconceito, da exploração, há possibilidade do desenvolvimento do pensamento crítico, a florado do processo investigativo que instiga o ser

social a tomada de decisão para a resolução dos problemas cotidianos. E, desse modo, a conjuntura pode ser profícua para a efetivação de mudanças comportamentais, sobretudo, ao que se refere ao respeito à igualdade de direitos, ações promissoras ao processo de humanização.

### Referências

- ASSIS, Eduardo de Assis. Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 31, janeiro-julho de 2008, p.11-23.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Tradução Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa; organização Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr.- São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GUIMARÃES, Geni. *Leite do Peito: contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A cor da ternura*; ilustrações Saritah Barboza. 12ª ed. São Paulo: FTD, 1998.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In. SILVA, Tomas Tadeu (Org.) *Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000, p.103-133.
- LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literature infant-juvenil. In: MUNANGA. Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escolar*. 2ª ed. Revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- NOA, Francisco. *Perto do fragmento a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo*. São Paulo: Editora Kapulana, 2015.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo. Companhia das letras, 2007.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades brasileiras: Esclarecendo significados e definições. *Revista do professor*, Porto Alegre, 19 (73): 26-30, jan./mar. 2003. Disponível em: <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br>. Acesso em 02/05/2018.